



O velho cacique Caiuá reza para resgatar a tradição da tribo e ajudar o jovem índio a afastar os maus espíritos e ver o futuro sem pessimismo

# Índio faz mutirão pela vida

■ Movimento quer evitar suicídio de jovens das tribos Caiuá e Nandéva

VLADIMIR NETTO

BRASÍLIA — Cansados de ouvir pelo rádio as notícias de novos suicídios nas aldeias de índios Caiuá e Nandéva — sub-grupos da etnia Guarani — na região próxima a Dourados, em Mato Grosso do Sul, um grupo de povos indígenas está organizando um mutirão para tentar levantar o moral das duas tribos, onde os jovens estão desistindo da vida por falta de perspectivas. Só no ano passado, 56 índios se mataram em Mato Grosso do Sul, a maioria por enforcamento, com idade entre 10 e 25 anos.

Passando por cima de desavenças históricas, os Terena — povo que divide com os Caiuá a reserva de Dourados, de apenas 6,5 mil hectares — irão oferecer parte dos seus estoques de arroz, feijão e mandioca. Assim farão também os Kuikuro enquanto os Kadwêu irão levar carne. Os Txucarramãe, que moram na divisa do Pará com Mato Grosso, já prometeram doar 100 quilos de farinha. Os Carajás, que vivem às margens do rio Araguaia, irão salgar seus peixes e enviá-los para a aldeia. Mas a ajuda mais esperada virá dos Kamaiurá, povo que tem uma origem genealógica semelhante a dos Caiuá.

**Futebol** — Os Kamaiurá, que moram no Xingu, serão responsáveis pelo resgate cultural e a recuperação da auto-estima dos 'primos'. Eles falam a mesma língua dos Caiuá e irão até a aldeia com 20 guerreiros. Durante dois ou três dias, promoverão festas e lutas, além de conversar com os jovens, grupo que mais se suicida na aldeia. Entre as festas, está

programado um campeonato de futebol, com tabela e tudo. "Não queremos mais diagnósticos, queremos soluções para os Caiuá", afirma Marcos Terena, um dos principais articuladores do encontro. Terena quer uma resposta permanente a este estímulo. Ele considera o primeiro passo fundamental — principalmente depois dos seguidos fracassos do homem branco — mas também sabe que a maioria dos índios brasileiros é pobre e essa ajuda não poderá ser garantida sempre.

**Campanha** — Por isso, procurou convencer o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Márcio Santilli, da profundidade deste movimento. Santilli entendeu e pretende fazer da iniciativa o início de uma campanha nacional, para buscar a solução definitiva para o problema. A ideia é envolver a partir do mês que vem várias esferas do governo e da sociedade. Do governo federal, Santilli espera trazer o Ministro da Justiça. Da sociedade civil, espera a ajuda de médicos e advogados, para combater diretamente as causas da depressão entre os índios. Outro grupo de quem Terena aguarda apoio é o de artistas, como Milton Nascimento e Lucélia Santos, que estão mais ligados à questão indígena.

Desde novembro do ano passado, a Coordenação de Estudos e Pesquisas da Funai vem fazendo um levantamento da situação sócio-econômica dos índios daquela região. A cada uma das famílias foi perguntado quanta terra eles tinham disponível para plantio e o que gostariam de plantar. A maioria escolheu arroz, feijão e milho como culturas básicas para sua subsistência. As sementes já estão preparadas. Mas a medida só dará resultado prático se for precedida de uma ação que tire os Caiuá das condições sub-humanas em que trabalham para sobreviver.

■ Maconha serve de consolo aos adolescentes, assediados por traficantes e muambeiros

SÍLVIO ANDRADE

CAMPO GRANDE — O processo de degradação, perda da identidade cultural e miséria que atinge os índios guaranis-caiuás — os índios suicidas de Mato Grosso do Sul — está levando os adolescentes ao consumo de drogas, em especial a maconha. Relatório do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) revela que jovens de 14 a 18 anos, das aldeias de Dourados e Amambai, estão se tornando cada vez mais dependentes da droga.

Segundo o indigenista Maucir Pauletti, que há sete anos convive com os caiuás, o uso da maconha tornou-se "uma epidemia" nas aldeias próximas à fronteira com o Paraguai — um dos principais países produtores da droga. "A situação é incontrolável, até pela fragilidade do índio. Não vai demorar muito para que estes viciados sejam também usados pelos traficantes como mulas", disse.

O relatório do Cimi denuncia que a tendência dos jovens caiuás para o consumo de drogas não é recente, tem pelo menos dois anos. "O adolescente encontrou na maconha uma saída para fugir de sua pré-disposição para o suicídio, que ocorre em momentos de depressão e falta de perspectiva de vida", explica Pauletti. O consumo de drogas foi verificado principalmente entre os índios que trabalham como bóias-frias em fazendas e destilarias de álcool. Nestes locais, eles são assediados em dia de pagamento, por traficantes e muambeiros.

A Fundação Nacional do Índio (Funai) alega desconhecer estes fatos, mas o relatório do Cimi é enfático: se não houver uma intervenção do governo, através de incentivos à produção agrícola — que garantam a ocupação dos adolescentes —, a situação vai se agravar.